

Tecidoteca: Estudo sobre a cultura do têxtil, roupas e acessórios produzidos com algodão colorido orgânico brasileiro

Techidoteca: Study on the culture of the textile, clothing and accessories produced with brazilian organic colored cotton

DOI:10.34117/bjdv6n12-147

Recebimento dos originais: 07/11/2020

Aceitação para publicação: 07/12/2020

Ronaldo Salvador Vasques

Doutor em Engenharia Têxtil – UMINHO/Portugal

Instituição: Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte

Endereço: Rua Dom Pedro II, 598, Zona 01, CEP: 87200-055, Cianorte-PR

E-mail: rsvasques@uem.br

Ana Beatriz Pires da Silva

Acadêmica do Curso de Bacharelado em MODA

Instituição: Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte

Endereço: Rua Dom Pedro II, 598, Zona 01, CEP: 87200-055, Cianorte-PR

E-mail: ra110174@uem.br

Caroline Schuch Klein

Acadêmica do Curso de Bacharelado em MODA

Instituição atual: Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte

Endereço: Rua Dom Pedro II, 598, Zona 01, CEP: 87200-055, Cianorte-PR

E-mail: ra107740@uem.br

Elaine Regina Brito Maia

Doutora em Engenharia Têxtil – UMINHO/Portugal

Instituição atual: Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Goioerê

Endereço: Av. Reitor Zeferino Vaz, S/N - Jardim Universitário, Goioerê - PR, 87360-000

E-mail: erbmaia@uem.br

Fabício de Souza Fortunato

Especialista em Marketing de moda UNIPAR/Cianorte

Instituição atual: Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte

Endereço: Rua Dom Pedro II, 598, Zona 01, CEP: 87200-055, Cianorte-PR

E-mail: fortunatomodauem@gmail.com

Kaline Andrade

Acadêmica do Curso de Bacharelado em MODA

Instituição: Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte

Endereço: Rua Dom Pedro II, 598, Zona 01, CEP: 87200-055, Cianorte-PR

E-mail: kallineandrade@hotmail.com

Márcia Regina Paiva de Brito

Mestre em Gestão da Informação - UEL

Instituição: Universidade Estadual de Maringá. Biblioteca Central

Endereço: Av. Colombo, 5.790, Jardim Universitário, CEP: 87020-090, Maringá – PR

E-mail: mrpaiva@uem.br

Regielem de Cácia Ruy Dias

Mestranda em Sustentabilidade -PSU (Instituto Federal do Paraná), Bolsista CAPES

Instituição: Mestrado acadêmico associado Universidade Estadual de Maringá e Instituto Federal do Paraná

Endereço: Rodovia PR 323, KM 310 - Parque Industrial, PR, 87507-014, Umuarama-PR

E-mail: regi.ruy@gmail.com

RESUMO

Os investimentos na produção do algodão colorido orgânico significaram uma retomada da cultura algodoeira. Este artigo propõe apresentar a manufatura do algodão colorido orgânico brasileiro, e suas diferentes tonalidades de fibra, e como estas são confeccionadas no segmento de roupas, acessórios e artesanatos, perpetrando uma relação da fibra com o produto construído. Isso possibilitou a articulação de uma cadeia produtiva que vem contribuindo para a sustentabilidade voltada para a moda, alinhavada com os materiais têxteis. O objetivo é fazer uma contextualização da produção por associativismo, dos diversos tipos de cultivares (cinco cores) que são voltadas para questões sustentáveis e um mapeamento do mercado atual, que utiliza essas espécies de algodão. Os métodos utilizados foram estudo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (EMBRAPA), fazendo uma avaliação visual e seleção desse algodão. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os seguintes autores basilares: Fletcher (2011) que discorre sobre moda e sustentabilidade e Pezzolo (2007) que comenta sobre história, tramas, tipos e uso dos tecidos. O resultado dessa pesquisa é uma breve análise parcial desse mercado em ascensão. Cabe comentar que esse estudo é um recorte do projeto de extensão TECIDOTECA (acervo de bandeiras têxteis) do curso de moda da Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Cianorte, corroborando desse modo com a preservação e memória dos têxteis no acervo do projeto.

Palavras-chave: Memória, Cultura têxtil, Sustentabilidade, Tecidoteca.

ABSTRACT

Investments in the production of organic colored cotton meant a resumption of the cotton crop. This article proposes to present the manufacture of Brazilian organic colored cotton, and its different shades of fiber, and how these are made in the clothing, accessories and handicrafts segment, perpetuating a relation of the fiber with the product constructed. This enabled the articulation of a productive chain that has been contributing to the sustainability focused on fashion, along with textile materials. The objective is to make a contextualization of the production by associativism, of the diverse types of cultivars (five cores) that are directed to sustainable issues and a mapping of the current market, that uses these species of cotton. The methods used were a study with the Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (EMBRAPA), making a visual evaluation and selection of this cotton. For this, a bibliographical research was carried out with the following basic authors: Fletcher (2011), who talks about fashion and sustainability and Pezzolo (2007), who comments on history, plots, types and use of tissues. It is worth mentioning that this study is part of the extension project TECIDOTECA (collection of textile flags) of the fashion course,

Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Cianorte, thus corroborating the preservation and memory of textiles in the project's collection.

Keywords: Memory, Textile culture, Sustainability, Tecidoteca.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A CULTURA ALGODOEIRA EM ASCENSÃO

O algodão no Brasil teve sua trajetória juntamente com outras fibras de cunho natural no século XX, segundo Vasques (2018, p.24),

Se as culturas do algodão, da juta e do linho do início do século XX eram cultivadas em pequena escala e destinadas apenas ao consumo regional, com o crescimento da indústria têxtil passaram a receber investimentos com a finalidade de atender as demandas em pleno crescimento. Em 1932, por exemplo, o estado de São Paulo contava com a existência de 112 fábricas de fiação e tecelagem de algodão, passando a destacar-se no plano da produção de fios e tecidos nacionais.

Do ponto de vista de Teixeira (2007), em quatro décadas, a indústria têxtil paulista trocou o papel de coadjuvante pelo de protagonista nesse mercado. Ademais, a Segunda Guerra Mundial contribuiu para que o Brasil se tornasse o segundo maior produtor de fios e tecidos em meados da década de 1940, uma vez que os países produtores europeus estavam envolvidos nos embates bélicos.

As mudanças observadas no mercado internacional (adoção de tecidos sintéticos, por exemplo) em decorrência da Segunda Guerra (REVISTA TÊXTIL, 1961) influenciaram o setor no Brasil. A fibra do algodão apresenta características de brilho, finura e toque (texturas) que as fibras não naturais não demonstram ter. Em razão disso, a indústria química têxtil empenhou-se em realizar experiências que se aproximassem das características do algodão. A Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT) dedicou-se a realizar propagandas do algodão até 1964. Neste ano, a fibra do algodão declina e a sua produção aparece nas misturas com as fibras não naturais. Isso fica visível nas coleções, considerando que as fibras não naturais ganham mais espaço. Com o ímpeto crescente das fibras não naturais, o setor têxtil continuou a pesquisar e a desenvolver fibras artificiais no decorrer da década de 1960. A concorrência das empresas com os tecidos sintéticos era intensa, pois se criavam marcas, produtos e novas tecnologias a todo tempo. As propagandas em torno das novas tecnologias da área têxtil eram fortes e constantes (VASQUES, 2018). De acordo com Vasques (2018), no intuito de valorizar o algodão brasileiro a FENIT, lança o concurso *miss* Algodão, e a Feira contribuía para a valorização dos tecidos brasileiros, pois se empenhava em promover as fibras naturais juntamente com o Concurso *miss* Algodão. Os concursos para a eleição de uma *miss* estavam diretamente ligados à produção de tecidos brasileiros. A feira começava a introduzir elementos da produção brasileira, como fio e o tecido, além

do investimento nas fibras naturais, aspecto voltado para a tendência de moda. No sentido de conhecer o algodão comum surge a discussão nesse artigo sobre o algodão colorido orgânico. A mais de 4.500 anos foram encontradas espécies de algodão colorido na natureza em escavações no Paquistão e Peru, porém, as fibras desse tipo de algodão eram curtas e fracas e não suportariam a fabricação de tecidos. Há algumas décadas, a demanda crescente por produtos ecologicamente corretos gerou um maior interesse por essa cultura de milênios (PEZZOLO, 2007). Desse modo, pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), trabalharam em um melhoramento genético do algodão, realizado a partir do conceito de que o algodão tem órgãos, masculinos e femininos. Um dia antes das flores se abrirem são retirados todos os órgãos masculinos da algodoeira, colhe-se o órgão masculino de outra planta e a cruzam com o órgão feminino do algodão, aperfeiçoando seu comprimento e resistência (PEZZOLO, 2007).

Além disso, a empresa investiu no cultivo do algodão colorido com a agroecologia como ponto de partida, na região do Nordeste brasileiro, o agricultor utiliza os recursos que obtém ao seu redor, não sendo permitido o uso de produtos industrializados como adubos, inseticidas, herbicidas, fungicidas e outros capazes de poluir o solo, meio ambiente e a água (OLIVEIRA; CARDOSO, 2018).

A iniciativa de conversão ao sistema orgânico de produção por agricultores e familiares do assentamento Margarida Maria Alves I, formado por 48 famílias em uma área total de 736 hectares, criado em Juarez Távora na Paraíba em 1998, proporcionou positivas respostas aos grandes desafios de produção. O município que tem sua economia baseada na agricultura e como produto principal o algodão foi proporcionado através dessa mudança com renda e associativismo enfrentado pelas famílias, adoção de práticas que possibilitam a convivência e o controle biológico de pragas do algodoeiro e principalmente o melhor uso do solo e da água, com fertilizantes orgânicos, rotação de culturas e o manejo integrado das pragas (SANTOS; ROSSETTO, 2017).

Historicamente o algodão sempre teve grande importância, por se tratar de uma cultura tolerante aos períodos de estiagem e por garantir renda extra em determinada época do ano onde nada mais pode ser colhido. Segundo Santos e Rossetto (2017), apesar da seca, a localidade do assentamento tem índice pluviométrico de 661 mm/ano – média considerada boa para cultivo do algodão, e possui solo fértil.

Nos dias atuais, a produtividade média dessa cultivar no assentamento é de 1.000 kg/ha de algodão orgânico em rama (em anos sem seca), podendo chegar até 1.400 kg/ha, segundo os agricultores. Esse volume é considerado bom, tendo em vista que a produtividade do algodão orgânico nessa região chega a 1.500 kg/ha, em anos de chuva, conforme indicam os técnicos da Embrapa (SANTOS; ROSSETTO, 2017).

Segundo Pezzolo (2007), os investimentos na produção do algodão colorido orgânico significaram a retomada da cultura algodoeira no semi-árido nordestino, a qual havia quase se extinguida por causa do bicudo-do-algodoeiro. Ainda segundo a autora, a fibra colorida possui valor de mercado superior ao algodão branco normal, cerca de 30 a 50%, além de poder contar com um certificado de ecologicamente correto pelo modo de produção, o algodão já naturalmente colorido, elimina a etapa do processo de tingimento, caracterizada como uma das mais poluentes da indústria têxtil.

1.1.1 Sustentabilidade

De acordo Fletcher (2011), o material usado na confecção de vestuário está associado a diversos tipos de impactos sobre a sustentabilidade, efeitos adversos sobre a água e seus ciclos, poluição química, perda da biodiversidade, uso excessivo de recursos não renováveis, geração de resíduos, efeitos negativos para a saúde humana e efeitos sociais prejudiciais para as comunidades produtoras.

Todos os materiais afetam de alguma forma os sistemas ecológicos e sociais, mas esses impactos diferem de uma fibra para a outra quanto ao tipo e à escala. O resultado é um conjunto complexo de compensações entre determinadas características materiais e questões específicas de sustentabilidade que têm de ser negociadas para cada tipo de fibra (FLETCHER, 2011).

O algodão colorido orgânico é dotado de vários benefícios, como mencionado anteriormente, ele nasce colorido por natureza, dispensando assim a necessidade de tingir os fios fabricados com ele, fazendo com que não seja necessário o uso dos corantes, que são quimicamente tóxicos aos seres humanos que lidam com ele, dos gases utilizados para esquentar as caldeiras enormes de água e também do uso excessivo desse recurso natural finito. A Embrapa Algodão desenvolveu o algodão naturalmente colorido como um produto distinto para a região Nordeste, que fortaleceria agricultura familiar e a sustentabilidade ambiental, além da contribuição incontestável que esse gênero oferta à indústria têxtil e a confecção brasileira. Segundo Zanirato (2013), em busca de diminuir esses impactos, o setor passou a empregar o uso do algodão orgânico e a investir em novas fibras naturais extraídas de produtos como a urtiga, o cânhamo e até mesmo a soja. Com o apoio da biotecnologia e da nanotecnologia, chegaram-se até mesmo as fibras artificiais, que se autolimpam e assim economiza água. Esse conjunto de inovações levou as empresas que trabalham com moda a propagarem a moda sustentável.

1.1.2 Cultivos por meio do associativismo no Assentamento

No preparo do solo, a atividade é realizada com a utilização do trator da própria associação comunitária, disponibilizada pelo Governo do Estado da Paraíba, onde os valores cobrados na diária são utilizados para o pagamento do operador da máquina, manutenção, compra de implementos e melhorias para associação (SANTOS; ROSSETTO, 2017).

O plantio, etapa fundamental para o triunfo, conta com a participação de homens, jovens e mulheres e é feito de forma manual, com o uso de sementes produzidas e selecionadas na própria comunidade, o que lhes assegura uma boa qualidade da semente e as modificações necessárias para o cultivo. “O algodão é plantado em consórcio com culturas como o milho, feijão, fava, sorgo e coentro, sem o uso de agrotóxicos ou insumos químicos” (SANTOS; ROSSETTO, 2017). São utilizados como fertilizantes urinas de vaca e esterco de animais, sempre produzidas na localidade, pelos assentados.

Para Santos e Rossetto (2017) no processo de tratamento das culturas, as famílias dividem o trabalho, na maioria das vezes os homens fazem o trabalho mais pesado de capinar e as mulheres ajudam na catação dos botões. Para o combate das pragas e doenças, são utilizados defensivos naturais como o extrato de folhas nim indianas, cal virgem e maniçoba. Para a melhor nutrição das plantas é realizada a aplicação de biofertilizantes de fabricação própria, feita a partir de esterco de gado e água.

Ainda de acordo os autores, a colheita é feita de modo manual, realizada entre os meses de outubro e novembro, dependendo da época de plantio, nas áreas individuais cada família colhe sua plantação e nas áreas coletivas, é definido um dia em que a maioria dos assentados pode estar presente para a realização da colheita, e os restos das plantas é adotado para alimentação dos animais.

Após a colheita, o algodão é encaminhado para um galpão onde está estabelecida uma miniusina para beneficiamento, a alimentação do descaroçador é feita coletivamente, de modo que é realizada uma pré-limpeza, com a retirada de galhos, folhas, pedras e entre outros, sendo logo após iniciado o processo de descaroçamento, que consiste em um lançamento dos caroços por um tubo lateral e as plumas semi-limpas pela parte frontal da máquina, no mesmo período que vai ocorrendo o descaroçamento dois trabalhadores ficam encarregados de recolher a pluma que sai da máquina para levá-la a prensa hidráulica, para apertar o fardo quando pronto, parte do caroço é usada como semente e a outra parte para ração animal.

Com tudo, para que a comunidade atendesse as exigências de certificação orgânica, não bastava apenas à extinção de inseticidas e pesticidas na produção do algodão, eram necessário que não fossem usados produtos químicos em todo o assentamento. Então em 2007, receberam uma visita de inspeção

de uma empresa brasileira e conquistaram sua primeira certificação, de acordo com normas e padrões orgânicos.

Figura 1 - Algodão colorido orgânico



Fonte: Santos e Rossetto (2017)

1.1.3 Os diversos tipos de BRSs

Os estudos da Embrapa Algodão obtiveram resultados e hoje podem ser encontrados algodões com uma gama de cores variadas, por exemplo, o BRS 200 Marrom, BRS Verde, BRS Rubi, BRS Safira e o BRS Topázio.

Figura 2 – Variedades do algodão colorido orgânico



Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM (2019)

BRS 200 Marrom: As fibras dessa variedade são de cor marrom-clara, embora podem apresentar uma produção espontânea de plantas com a cor branca, essa espécie é resultado do aprimoramento de plantas selvagens encontradas no interior do Nordeste, sendo assim, é ideal que essa cultivar seja plantada no Sertão ou Seridó nordestino, consiste em uma cultivar advinda de algodoeiros arbóreos, possui um ciclo semiperene com até três anos de exploração econômica, além de possuir uma elevada resistência a seca, explica Vale et al. (2011).

Figura 3 - Bolsa e carteira Casulo Arte Natural, algodão colorido marrom.



Fonte: Casulo Arte Natural (2018)

BRS Verde: A cultivar verde para ser uma fibra de boa qualidade, com comprimento, finura, resistência e entre outras características, necessita que o produtor tome alguns cuidados específicos que possibilitem o desenvolvimento da algodoeira em níveis desejados, como o plantio em áreas zoneadas, adotar técnicas de conservação do solo e bem prepará-lo, usar sempre sementes deslintadas (adição de ácido sulfúrico para prevenir doenças), de via ácida e tratada, fazer as capinas dentro do período crítico de competição das plantas daninhas, que nascem espontaneamente, e outras providências que precisam ser tomadas para um bom cultivo dessa espécie. Ela teve sua origem em 1996 com o cruzamento entre um material introduzido dos EUA, o Arkansas Green de fibra verde com a cultivar de fibra branca (CNPA 7H), que tem a sua adaptação na região Nordeste e com boa qualidade, foi realizado na sequência dois retrocruzamentos para a CNPA 7H, com o intuito de se recuperar características desse progenitor, principalmente as de fibra, e após, a fibra foi submetida à seleção genealógica, tendo visado à manutenção da cor verde. Como características dessa fibra podem ser citadas uma altura média da planta de 1,27m., a cor creme da flor e do pólen, o surgimento do primeiro capulho com 92 dias e um ciclo de 130 a 140 dias até a colheita (CARVALHO et al., 2009c).

Figura 4 - Bolsas produzidas com algodão colorido orgânico BRS Verde



Fonte: Casulo Arte Natural (2018)

BRS Rubi: A Embrapa Algodão em suas publicações de folders em 2009 (CARVALHO et al., 2009a) comentam que essa cultivar é herbáceo ou anual e podem ser cultivadas em regime de sequeiro, nas áreas zoneadas para esse tipo de algodão e em regime irrigado, algumas das técnicas utilizadas para o melhor cultivo é usar uma densidade de plantio mais estreita, plantio em área zoneada dentro de cada fazenda, isolando o campo a pelo menos um km de distância de campos de algodão de fibras de outra cor e também fazer o preparo com aração e gradagem com grade leve e o plantio em nível para a redução de erosão. Em 1996 por meio de um cruzamento de um material introduzido dos EUA, a BRS Rubi foi originada, agregando o material dos EUA de coloração marrom escura com a fibra branca do Nordeste brasileiro, CNPA 7H. Essa cultivar se diferencia das outras fibras marrons produzidas no Brasil, devido a sua cor marrom avermelhada ou marrom escura, ela obtém como características uma altura média das plantas de 1,10m., a cor amarelada para o pólen e a flor, o início do florescimento em 55 dias e o ciclo de colheita com em média de 140 a 150 dias.

BRS Safira: Realizado a partir do cruzamento de um material introduzido dos EUA e a fibra CNPA 87-33 de fibra branca, mais um tipo de variação da cor marrom, conhecida como marrom escura ou marrom telha, com características tecnológicas e uma fibra de boa produtividade, diferencia-se das outras fibras de coloração, devido a sua cor com tonalidade forte, e juntamente com a BRS Rubi são consideradas as primeiras fibras brasileiras com essa característica de cor da pluma, embora sua coloração seja intensa e duradoura, se faz necessário que não seja retardada a colheita por um grande período de tempo, evitando uma maior exposição ao sol e garantindo uma fibra com coloração vigorosa por muito tempo. Assim como as outras cultivares, a BRS Safira também precisa de cuidados

específicos para que expresse seu potencial produtivo, tanto para o produto principal, a fibra, quanto para os derivados como o linter a torta e o óleo. As características com relevância dessa espécie são seu grande crescimento, podendo a algodoeira chegar a 1,30m., a cor amarela tanto do pólen quanto das flores, seu início de florescimento em apenas 55 dias e seu ciclo que dura de 140 a 150 dias até a colheita (CARVALHO et al., 2009b).

O vestuário realizado conforme aponta a figura 4 onde, a primeira imagem consiste em uma camisa com a mistura do algodão orgânico branco com o BRS Rubi, a segunda, uma blusa produzida com a cultivar BRS Topázio, a terceira com a espécie BRS Safira e a última blusa com a coloração BRS Verde.

Figura 5 - Roupas que utilizam como matéria prima as cultivares BRS Safira, BRS Verde e BRS Topázio



Fonte: Santos (2016)

BRS TOPÁZIO: Tonalidade que veio a agregar como leque de variações de marrom, favorecendo a criatividade das indústrias e o artesanato que utiliza o algodão colorido como sua principal matéria prima. Uma cultivar de algodão herbáceo, que se destaca pela sua grande porcentagem de fibra, alta uniformidade e alta resistência, BRS Topázio consiste na tonalidade marrom bem claro, originária do cruzamento das cultivares Suregrow 31 e Delta Opal, ela é comparável à fibra de cor branca e superior as cultivares de fibras coloridas. O produtor que à cultiva tem a possibilidade de plantar essa espécie em consórcio com outras culturas, observando sempre os espaçamentos e a densidade das plantas adequadas. Nas suas características mais consideráveis a altura que pode chegar a 1,16m., seu rendimento de 2825 kg/ha, a porcentagem fibrosa de 43,5%, capulho com 5,6g. de peso, uniformidade que pode chegar a 85,2%, uma resistência de 31,9 gf / tex e um teor oleoso 24,5% chamam atenção de pesquisadores e a diferencia das outras espécies de fibra colorida (VIDAL NETO et al., 2010).

1.1.4 Comercialização e Mercado Internacional

Segundo Santos e Rossetto (2017), produtos orgânicos com comercialização justa têm interligação com mercados consumidores que se preocupam com a sustentabilidade do sistema, melhores condições de compensação e garantia dos direitos dos trabalhadores e produtores, conseqüentemente, o preço é superior ao praticado no mercado e a compra assegurada por contrato antecipado. O valor consiste em uma negociação entre o produtor e o consumidor, com base no diálogo, transparência e respeito. O preço justo tem a função de assegurar um rendimento digno aos produtores e cobrir os custos da proteção ambiental na produção.

O cultivo do algodão colorido orgânico mostra-se interessante para o mundo inteiro, a produção, pequena, não chega a aparecer nas estatísticas de produção de algodão do Brasil, mas chama a atenção por ser uma alternativa ao sistema de cultivo tradicional, baseada no alto uso de insumos e água. Essa experiência com natalidade brasileira agora será compartilhada com agricultores familiares dos países do MERCOSUL, que integram o projeto de fortalecimento do setor algodoeiro por meio da Cooperação Sul-Sul, governado pelas organizações Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) e Instituto Brasileiro do Algodão (IBA).

De símbolo regional em lojas de artigos para turistas, o algodão colorido alcançou o status de peças de luxo em feiras internacionais. As coleções são exportadas para a França, Itália, Espanha, Alemanha, Japão, Estados Unidos e países escandinavos. Em abril de 2015, o algodão colorido produzido no Semiárido estará presente na feira '1.618 Luxo Sustentável', em Paris. O evento seleciona as melhores iniciativas voltadas para o consumo sustentável ao redor do mundo (OLIVEIRA; CARDOSO, 2018).

De acordo com Oliveira e Cardoso (2018) os assentados de Margarida Maria Alves I cultivam o algodão colorido que vira peça de luxo para o mercado externo. A estilista Francisca Vieira, presidente da Associação da Indústria do Vestuário da Paraíba relata que o design é um grande aliado na comercialização das peças e que a intervenção do artesanato é utilizada em função da moda, além de também agregar mais valor às peças. Outra empresa que produz bolsas, localizada em Campina Grande-PB, a Casulo Arte Natural também soma à comercialização de produtos que utilizam o algodão colorido como matéria-prima principal, com a exportação de cerca de três mil bolsas mensais para países estrangeiros.

A comercialização para o mercado externo ainda é um grande desafio, devido à quantidade restrita de algodão colorido orgânico produzido pelos assentados, porém, Rafael Carvone, presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ABIT) afirmam que "Existem questões econômicas ainda a serem solucionadas, mas imagino que em médio prazo aumentaremos muito a

produção, tendo em vista que este tipo de matéria-prima reduz drasticamente o consumo de água e produtos químicos nas etapas de produção, pois dispensam a etapa de tinturaria" (OLIVEIRA; CARDOSO, 2018).

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho analisou os cinco tipos de algodão colorido orgânico com preceitos de sustentabilidade, possibilitando assim uma articulação da indústria têxtil, as roupas e os acessórios, foram contextualizados a produção por meio do associativismo. Cabe ressaltar que os cinco tipos de algodão estão no acervo da TECIDOTECA. O resultado dessa investigação só foi possível por meio das espécies produzidas em Juarez Tavora no estado da Paraíba pela empresa Embrapa que faz um estudo científico sobre o algodão colorido e forneceram algumas das espécies para a análise científica, a empresa trabalhou em um melhoramento genético para aprimorar fibras coloridas que existiam e não suportavam a ruptura dos fios no processo de tecelagem, malharia e beneficiamentos têxteis, além da criação de novas cores para agregar com esse mercado em ascensão. O investimento no algodão colorido retomou a manufatura do algodão no Nordeste, praticamente extinta. O artigo exemplificou por meio de imagens que bolsas, carteiras e roupas são produzidos por meio dessas cultivares e agregam a economia local. Portanto, podemos afirmar que a cultura do algodão colorido orgânico, pode trazer além de preceitos sustentáveis, com a eliminação de processos de beneficiamento, como a estamparia a lavanderia e o tingimento, bem como acrescentar valores imprescindíveis para a área de moda.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Luiz Paulo de et al. BRS Rubi. Campina Grande, PB: Embrapa Algodão, 2009a. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/25516/1/FolderBRSRubi-5ed.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018

CARVALHO, Luiz Paulo de et al. BRS Safira. Campina Grande, PB: Embrapa Algodão, 2009b. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/25689/1/FolderBRSSafira4Edicao.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018

CARVALHO, Luiz Paulo de et al. BRS Verde. Campina Grande, PB: Embrapa Algodão, 2009c. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/25686/1/FolderBRSVerde6Edicao.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

CASULO ARTE NATURA. Acessórios com algodão colorido. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/CasuloArteNatural.com.br/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 22 set. 2018.

FLETCHER, Kate. Moda & Sustentabilidade: design para mudança. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. OLIVEIRA, Geraldo dos Santos; CARDOSO, Jany. Agroecologia. Disponível em: https://www.embrapa.br/contando-ciencia/agroecologia/-/asset_publisher/Gh7VczqVqPYX/content/conheca-a-historia-do-algodao-colorido/1355746?inheritRedirect=false. Acesso em: 22 set. 2018.

PEZZOLO, Dinah Bueno. Tecidos: história, tramas, tipos e usos. São Paulo: Senac São Paulo, 2007. REVISTA TÊXTIL, São Paulo, ed. 7, p. 1, 1961.

SANTOS, Edna. Algodão colorido conquista mercado internacional de moda. Embrapa Algodão. Campina Grande, PB: Embrapa Algodão, 2016. Disponível em: <https://www.embrapa.br/algodao/busca-de-noticias/-/noticia/2565547/algodao-colorido-conquista-mercado-internacional-de-moda>. Acesso em: 22 set. 2018.

SANTOS, José Aderaldo Trajano dos; ROSSETTO, Juliana Dei Svaldi. Algodão Orgânico Colorido: Gerando renda e cidadania na agricultura familiar do semiárido brasileiro. Brasília, DF: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura/Agência Brasileira de Cooperação, 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i6958o.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

TEIXEIRA, Francisco. A história da indústria têxtil paulista. São Paulo: Artemeios, 2007.

VALE, Dalfran Gonçalves et al. Algodão colorido: tecnologia Embrapa para a geração de emprego e renda na agricultura familiar do Brasil. Campina Grande, PB: Embrapa Algodão, 2011. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/107547/1/Colecao-de-algodao-colorido-da-Embrapa-Algodao.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

VASQUES, Ronaldo Salvador. A indústria têxtil e a moda brasileira nos anos 1960. 1.ed. Curitiba, PR: Appris, 2018.

VIDAL NETO, Francisco das Chagas et al. BRS Topázio: fibra marrom claro uniforme resistente e macia. Campina Grande, PB: Embrapa Algodão, 2010. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/25693/1/AlgodaoColoridoTopazio.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

ZANIRATO, Silvia Helena. Moda e sustentabilidade, um dialogo paradoxal? In: SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador (Org.). Indumentária e moda: caminhos investigativos. Maringá, PR: Eduem, 2013.